

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**CELEIDO ALVES CARDOSO**

**PERCURSO NARRATIVO DAS HISTÓRIAS DE GUAVIRA: O SABOR  
ADOCICADO DE UMA CULTURA**

**JARDIM – MS**

**2013**

**CELEIDO ALVES CARDOSO**

**PERCURSO NARRATIVO DAS HISTÓRIAS DE GUAVIRA: O SABOR  
ADOCICADO DE UMA CULTURA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Cleilton Pereira dos Santos

**JARDIM – MS**

**2013**

**CELEIDO ALVES CARDOSO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**PERCURSO NARRATIVO DAS HISTÓRIAS DE GUAVIRA: O SABOR  
ADOCICADO DE UMA CULTURA**

**APROVADO EM:** \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Orientador: Prof. Me. Clemilton Pereira dos Santos  
UEMS

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Me. Roseli Peixoto Grubert Martinez  
UEMS

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adélia Maria Evangelista  
UEMS

CARDOSO, Celeido Alves.

Percurso narrativo das histórias de guavira: o sabor adocicado de uma cultura / Celeido Alves Cardoso. Jardim: UEMS, 2013. 58 p.; 30 cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Semiótica
2. Percurso Gerativo de sentido
3. Histórias
4. Análise

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

Celeido Alves Cardoso

Jardim / MS, 04 de novembro de 2013.

Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.

Chico Xavier

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, e em segundo lugar minha família, que é o pilar da minha estrutura emocional e racional, também aos meus amigos e colegas de turma, em especial aos meus grandes amigos, Bruno G. Ferreira, Edson C. Fernandes e Rosana M. Rocha, pelo apoio constante. Ao professor Clemilton Pereira dos Santos, que acompanhou todo o processo de elaboração desta monografia e ter sido um interlocutor inestimável. E pelos vários e preciosos livros que colocou a minha disposição. Vale ressaltar a dedicação do meu orientador, pelo seu profissionalismo e principalmente por ter apontado novos caminhos e suscitado novas ideias, novas reflexões. Aos membros da banca, pela valiosa contribuição em meu crescimento social e intelectual.

Em especial as várias pessoas da minha cidade que gentilmente contribuíram no processo de levantamento de dados, concedendo entrevistas, reservando o pouco tempo livre para me receber em vossas casas, visitas que facilitou o acesso às histórias de guaviras sendo de grande valia para conclusão do meu TCC. À UEMS, em especial os funcionários responsáveis pelo funcionamento da biblioteca, por fornecer toda a estrutura necessária para o desenvolvimento deste difícil, porém não impossível trabalho de conclusão de curso. À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em especial professora Susylene Dias de Araújo coordenadora do curso de graduação em Letras/Português-Inglês, sou grato por esta instituição que me possibilitou conhecer novos mundos, tendo como guia grandes mestres na arte de ensinar, aprender e compartilhar conhecimento teórico e de vida, contribuindo enormemente em minha caminhada cultural, social e intelectual, esses fatores também foram inestimáveis para o término do meu curso. “Dizem que a maior glória de um professor é sentir que os seus alunos tornaram-se grandes, porém a maior glória do aluno é sentir que um professor o tornou assim” (Luiz Ottoni, aluno do 1º ano matutino da Escola Cel. Juvêncio).

## **RESUMO**

ALVES, Celeido Cardoso. **Percorso narrativo das histórias de guavira**: o sabor adocicado de uma cultura. 2013. 56 p. TCC (Graduação) – Curso de Letras hab. Port. Ingl. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

Este trabalho tem como objetivo traçar, a luz da Teoria Semiótica Greimasiana, com Barros (2005), e Fiorin (2007). A análise do percurso narrativo das histórias sobre a guavira coletadas junto aos moradores da cidade de Jardim- MS. A partir dos trabalhos realizados, percebe-se como os sujeitos que ora eufórico ora disfórico com os objetos, sejam eles a guavira ou os objetos necessários para alcançá-la, desenvolvem os programas narrativos a fim de alcançar os valores pretendidos, sendo, posteriormente avaliados pelos sujeitos manipuladores enquanto merecedores ou não dos valores buscados. É notório destacar que a guavira aparece enquanto objeto e também enquanto valor nos discursos dos entrevistados, os quais se manifestam tão apaixonados pela cultura da guavira que desenvolvem performances diversas com intuito de participar das coletas.

**Palavras-chave:** Semiótica, Percorso. Gerativo de Sentido. Histórias orais.

## **ABSTRACT**

ALVES, Celeido Cardoso. **Sense production process in the histories about guavira**: the sweet tasty of a culture. 2013. 56 p. TCC (Graduation) – Languages hab. Port. Engl. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

This paper aims to analysis with Greimas' semiotic theory the sense production process of stories about guavira, recording and valuing oral narratives from experiences or believes from people of our region, funny situations or even curious and strange facts that are an important part from town of Jardim's culture through an investigation told and retold by residents of the place. It will demonstrate how narratives allow the awareness and the search for alternatives to preserve this fruit so tasty. From the work carried out it is very clear that such narratives allow the awareness of people making them reflect on the importance of preserving this natural asset that in the past could gather many families with the same order, pick up guavira, an act that is becoming rare to happen nowadays.

**Keywords:** Semiotics, Sense production process, Oral histories.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – SEMIÓTICA GREIMASIANA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	11
1.1. Nível Fundamental .....	12
1.2. Nível Narrativo .....	13
1.3. Nível Discursivo .....	17
1.4. A argumentação na teoria semiótica.....	18
CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO: JARDIM / MS – UM ESPAÇO DE CAUSOS. 21	
2.1. A Cultura da Guavira.....	22
CAPÍTULO III – NARRATIVAS ORAIS.....	24
3.2. Corpus da pesquisa: entrevistas .....	25
3.2.1. Informante A .....	26
3.2.2. Informante B.....	29
3.2.3. Informante C.....	30
3.2.4. Informante D .....	31
3.2.5. Informante E.....	32
3.2.6. Informante F .....	34
3.2.7. Informante G .....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
REFERÊNCIAS .....	39
ANEXO A – INFORMANTE A .....	41
ANEXO B – INFORMANTE B.....	44
ANEXO C – INFORMANTE C.....	46
ANEXO D – INFORMANTE D .....	48
ANEXO E – INFORMANTE E.....	50
ANEXO F – INFORMANTE F .....	53
ANEXO G – INFORMANTE G .....	56

## INTRODUÇÃO

Analisar pela perspectiva teórica da Semiótica Greimasiana o nível narrativo responsável pela construção dos sentidos linguístico em narrativas orais coletadas com moradores de Jardim. Nosso objetivo específico é resgatar as narrativas orais e analisá-las no nível narrativo

A guavira é originária do Brasil essa árvore é alta com folhas cheirosas, bem maduras é uma fruta muito saborosa, além de conter ferro, sais minerais e vitaminas (A e C). A origem é típica dos cerrados do Centro-Oeste e do Sudeste do país. A variação do nome guavira é gabiroba ,seu nome científico é *camponesia cambessedeanana* Berg pertencente a família das Myrtaceae

A gabirobeira é árvore rústica, pouco exigente de cuidados, nascendo naturalmente mesmo em terrenos pobres. Quando floresce, a árvore da gabiroba fica completamente tomada de pequenas flores brancas. Os frutos são redondos e apresentam uma coloração que varia do verde-claro até o amarelo, quando maduros. A frutificação é abundante de novembro à dezembro: levemente adocicado rica em vitaminas , as guavira interessam bastante aos animais domésticos e aos peixes comedores de frutas. O amadurecimento dos frutos é ansiosamente esperado pelas crianças, jovens e adultos, porque há toda uma questão cultural e social que envolve o reúne se em grupos pequenos para a coleta da fruta de onde emanam diversas histórias orais fantásticas, épicas envolvendo esforços coletivos para participar da coleta. Dessa pratica coletiva surgem relatos que são narrados oralmente.

As historias orais tem grande importância para as novas gerações, que talvez nunca chegarão conhecer essa fruta, devido aos desmatamentos desenfreados para o cultivo de pasto, assim podemos conhecer nossos antepassados através de registros dessas histórias contadas pela nosa gente, criando uma curiosidade e desejo de conhecer essa fruta.

O trabalho será realizado mediante as perguntas de pesquisas na qual analisaremos algumas narrativas selecionadas, buscando nelas encontrar transformações que lhes sobrevém no decorrer do texto, assim podemos dividir em três capítulos.

Primeiro trata do percurso Gerativo de Sentido destacando os três níveis do percurso sendo o profundo (ou fundamental) é a categorias semânticas que estão na base da construção de um texto, o narrativo estuda os sujeitos da narrativa, seus estados, seus contratos, as ações e as transformações que lhes sobrevém no decorrer do texto e por fim o discursivo ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação as oposições

fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras.

Ainda no capítulo I, a argumentação que segundo Fiorin (2001, p 175) “Todo texto tem, por trás de si, um produtor que procura persuadir o seu leitor (ou leitores), usando para tanto vários recursos de natureza lógica e linguística”. Esses recursos são organizados em quatro tipos de manipulação do Tipo 1 - Ofertas de valores: Tentação (Valores eufóricos) sensação de bem estar: Intimidação (Valores disfóricos) sensação de mal estar, e do Tipo 2 – Construções Identitárias: Sedução (Imagem positiva) algo bom: Provocação (Imagem negativa) algo ruim. Assim todo o recurso acionado pelo produtor do texto tem em vistas a levar o leitor a crer naquilo que o texto diz e a fazer aquilo que ele propõe.

No segundo dedicamo-nos à contextualização sobre a cidade de Jardim, história desta criação até os dias atuais como realização de eventos e cultura. Por fim, a guavira, descrevendo as características físicas, nome científico e popular, origem, período de colheita, uso culinário, medicinais até a venda e plantio da fruta.

No terceiro último capítulo temos as análises das narrativas orais com uma breve ficha técnica dos entrevistados, com idade, profissão e local onde reside, finalizando com a análise propriamente dita das histórias selecionadas.

Demos como objetivo divulgar através das histórias orais, cujo tema gerador esta na coleta do fruto, sabendo que por mais inacreditáveis que pareçam, elas existem, fazem parte da nossa cultura, se você não conhece ou nunca provou não deixe de conhecer o sabor adocicado dessa cultura.

## **CAPÍTULO I**

### **SEMIÓTICA GREIMASIANA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Semiótica é um termo que vem do grego que significa *semeion* em português signo, e ótica que significa Ciência. Em outras palavras a semiótica é o estudo dos signos. Afinal que signos são esses, o que tem haver com a semiótica? Na verdade tudo, os Signos são representação de uma determinada coisa. A mente humana tem acesso ao mundo externo através de representações, assim podemos dizer que nosso mundo pode ser todo estudado a partir da Semiótica por que, afinal de contas, tudo é signo, eles estão em tudo, logo pode ser analisado segundo os preceitos da Semiótica.

A Semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, no início procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. É necessário, portanto, para que se possa caracterizar, mesmo que grosseiramente, uma teoria semiótica, determinar, em primeiro lugar, o que é o texto, seu objeto de estudo.

Semântica define como “o estudo do significado”. O termo “semântico” é de um verbo grego que quer dizer “significado”. Mas isso não quer dizer que só no século passado se tenham voltado os especialistas para a investigação do significado das palavras.

Desde os primeiros tempos se interessaram os gramáticos pelo estudo dos significados das palavras, e mais até do que pela sua função sintática. São manifestações práticas desse interesse os inumeráveis dicionários que se vêm elaborando, não só no Ocidente como em todas as partes do mundo onde se estuda a linguagem (Lyons, 1979, p. 425).

Segundo Fiorin em seu artigo *Semiótica e História* (2011, p 15) A Semiótica narrativa e discursiva tem sido acusada de não levar em conta a historicidade do texto, de considerá-lo como uma totalidade fechada em si mesma (2011, p. 15).

A teoria semiótica de corrente greimasiana tem por objetivo descrever o que o texto diz e como ou quais os recursos adotados pelo texto para dizer o que diz. Conforme Fiorin “uma grande contribuição da Semiótica como metodologia alternativa às nossas leituras exegéticas tradicionais é a sua maneira de analisar o texto em níveis, no que chamam de *Percurso Gerativo de Sentido*” (Fiorin, 2007). Para o estudo da semiótica precisamos dividir o texto em níveis (fundamental, narrativo e discursivo ). Os níveis são apresentados como um todo. No entanto eles podem ser analisado no texto de forma independente ou seja são

dependentes entre si para a construção dos sentidos. O primeiro deles corresponde ao fundamental.

### **1.1. Nível Fundamental**

O primeiro nível da análise, chamado de nível fundamental, na qual se procura pelas “categorias semânticas que estão na base da construção de um texto” e pelas “relações de contrariedade” de uma oposição semântica principal do tipo “vida versus morte” ou “liberdade versus dominação” sobre a qual todo o discurso estará estruturado (FIORIN,2007)

Para Barros (2005, p13) o nível fundamental é a construções do sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. “A noção de percurso gerativo do sentido é fundamental para a teoria semiótica.” (2005, p. 13).

A semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instancia inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstrato da produção do funcionamento e da interpretação do discurso (FIORIN, 2001, p. 19).

De acordo com Barros (2005, p. 13) essa é a etapa mais simples e abstrata do Percurso Gerativo de Sentido, porque analisa as narrativas a base da construção de um texto.

- a) O percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) São estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) A primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;

Só identificar a oposição fundamental, pode-se buscar compreender essa relação de termos segundo a valoração que o próprio texto lhes atribui. As categorias opostas não possuem valoração fixa, de aceitação universal. É o texto quem nos diz se “vida” é um conceito positivo ou negativo. Dizemos que os positivos são valores atraentes ou eufóricos, e que os negativos são valores repulsivos ou disfóricos.

## **1.2. Nível Narrativo**

O segundo nível, chamado de nível narrativo, estuda-se os sujeitos da narrativa, em estados, contratos, as ações e as transformações que lhes sobrevém no decorrer do texto. Conforme Barros (2005).

No segundo patamar, nível das estruturas narrativas, os elementos das oposições semânticas fundamentais assumidas como valores por um sujeito e circulam entre sujeito graças à ação também de sujeitos. Ou seja, não se trata mais de afirmar ou de negar conteúdos, de asseverar a liberdade e de recusar a dominação, mas de transformar, pela ação do sujeito, estados de liberdade ou de opressão (BARROS, 2005, p. 15).

A organização da narrativa se esquematiza a partir do ponto de vista de um sujeito que vai em busca de valores mediados por objetos. É importante ressaltar que neste nível a Semiótica trabalha os enredos denominados de “esquema narrativo canônico”, procurando por três momentos ou percursos distintos, sendo o primeiro o da “manipulação”, o segundo o da “ação”, e o terceiro o percurso da “sanção”. Neste nível temos as ações realizadas pelos sujeitos os quais para alcançar determinados valores buscam objetos. Estas ações geram percursos narrativos, ou seja, sempre teremos um sujeito que vai em busca de um valor e para tal realiza diversas atividades para alcançá-lo (Fiorin, 2001).

De acordo com Barros (2005, p 15), esse nível é o responsável pela organização da narrativa “através do ponto de vista de um sujeito”. Nesse sentido, a autora afirma que há um

“fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo através de objetos de valores” (Barros, 2005, p 16).

Nesse intuito de alcançar seus objetivos um sujeito ou enunciador busca manipular o(s) sujeito(s) enunciator(es). A manipulação manifesta de diversas formas: tentação; intimidação; sedução e provocação. O percurso da manipulação constrói o primeiro contato com a narrativa, mostra como tudo começou e indica para onde vai a história. Geralmente o personagem principal que tradicionalmente chamamos de herói ou protagonista da história aparece, assim somos informados sobre qual é o objetivo desse personagem antes mesmo de começar sua jornada (FIORIN, 2001).

A primeira maneira de manipular um destinatário é chamada de “tentação”. A tentação nada mais é que uma espécie de suborno, uma forma de tentar convencer ou mediante o discurso o destinatário a fazer algo, fazendo uma oferta de valores que este destinatário deseja. Assim, para que a manipulação seja eficaz, é preciso que a oferta seja interessante, desejável, sedutor e atraente (FIORIN, 2001, p 22). A tentação nada mais é do que domínio em que o destinador demonstra poder fazer, assim o destinatário manifesta o desejo que quer fazer, apresentando-lhe uma recompensa de algum modo irrecusável.

A segunda forma de manipulação é a chamada “intimidação”, a contrário da primeira, em vez de oferecer valores cobiçados, desejáveis e interessantes, nela o manipulador ameaça acrescentar valores indesejáveis, ou ruins, ou retirar do seu destinatário seja parcial ou total valores que ele possui (FIORIN, 2001, p 22).

A intimidação conforme a citação de Fiorin, é um processo que põe em cena um destinador dotado de um poder fazer (normalmente extra discursivo) o destinatário deve fazer a partir de algum tipo de ameaça.

De acordo com (FIORIN, 2001, p. 22), a terceira forma de manipulação é a “sedução”. Agora já não se trata de promessas muito menos uma ameaça, mas de exaltações cheio de elogios que pode ser sinceras ou não, assim o manipulador faz em relação às características do destinatário. Essa forma faz com que o sedutor consiga aquilo que deseja, ou seja, convencer o destinatário a fazer o que ele quer, usando sua virtudes exageradamente, dessa forma o manipulador consegue indiretamente levar o destinatário a agir para confirmar os elogios feitos.

Na sedução percebemos que o destinador manifesta um saber fazer e o destinatário querer fazer, elogiando-o ou enaltecendo-o de tal maneira que qualquer sinal de recusa à manipulação significaria também a renúncia a todas as qualidades que lhe foram atribuídas.

E por fim, a manipulação por meio da provocação. Neste caso, em vez de tentar seduzir, exaltando as características do destinatário, o manipulador despreza, desvaloriza o destinatário dessa forma ele se sente forçado a agir, desta vez para alterar a ideia negativa que o outro faz dele. (FIORIN, 2001, p. 22).

Já na provocação: caso no qual o enunciatário obtém com o seu saber fazer o dever fazer do destinatário, já que o leva a agir como única forma de desmentir a depreciação que lhe foi imposta.

Em resumo, analisando essas quatro formas de manipulação, podemos dividi-las em duas categorias, de ofertas de valores e de construções identitárias : O primeiro é a “Ofertas de valores” na qual podemos observar o lado bom e ruim do destinatário, sendo: Tentação representando os Valores eufóricos sensação de bem estar e outro a da Intimidação com seus Valores disfóricos sensação de mal estar.

Já nas Construções Identitárias temos a imagem a reputação do destinatário podendo ser positiva o negativa, dessa forma caracteriza em: Sedução que é a Imagem positiva , algo bom, longo demos o oposto que é a da Provocação ou seja a Imagem negativa, algo ruim apontado pelo enunciador.

O percurso da “ação” pode ser dividido em duas fases; a primeira a da “competência” e a segunda da “performance”.

Segundo os teóricos Barros e Fiorin da corrente Semiótica Greimasiana , quanto à competência, o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa, pode ser dotado de um saber e/ou de um poder fazer e de um querer fazer. Cada um desses elementos recobrem a narrativa conduzindo o enunciador a um poder, um querer e a um fazer através do discurso que também pode estar sendo disforizado pelo próprio enunciador na narrativa, sob as mais variadas formas. A partir de Fiorin. Dependendo da competência demonstrada pelo sujeito enunciador e suas ações praticadas no exercício da conquista de objetos a fim de adquirir os valores almejados teremos a performance, a qual corresponde à fase em que se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa (FIORIN, 2001).

A última fase do nível narrativo corresponde à sanção. Nela ocorre a constatação de que a performance se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a



transformação. Eventualmente, nessa fase, distribuem-se prêmios e/ castigos (FIORIN, 2001, p. 22).



Podemos usar o exemplo da história da Branca de Neve onde a protagonista buscava a libertação de sua madrasta má e encontrar seu príncipe encantado, no decorrer da narrativa tudo caminha para o lado oposta, porém uma reviravolta da história, faz com que se realizar a performance, Branca consegue se libertação e o premio maior o amor do seu príncipe encantado, já a madrasta, melhor dizendo a bruxa deve seu castigo. Nem sempre aparecem premio e castigo na fase de sanção, sempre estará presente a verificação de que a performance aconteceu (FIORIN, 2001, p. 24).



Nesse caso temos a história de Beowulf, que parece ter dito êxito na sua luta contra o dragão, porem não passava de acordo dele com a besta maldita, que lhe prometeu riqueza e vida eterna, logico tudo tem um preço, através de fluidos corporais tiveram um filho que tornara sua vergonha e destruição, por Beowulf é morto pelo seu filho em uma batalha terrível, nesse caso o protagonista da história não ganhou nada muito menos deve o castigo que merecia.

É, nesse ponto da narrativa, por exemplo, que os falsos heróis são desmascarados e os verdadeiros são reconhecidos. Essas fases não se encadeiam numa sucessão temporal, mas em virtude de pressuposições lógicas. Com efeito, se reconhece que uma transformação se realizou, a transformação está pressuposta pela constatação (FIORIN, 2001, p. 24).



A história clássica mais apropriada seria a de Rapunzel. Que vive numa torre, teoricamente protegia dos perigos do mundo moderno, no começo parecia que sua mãe adotiva realmente se preocupava com sua filha, por isso mantinha aprisionada. No decorrer da narrativa descobrimos o real interesse da mãe, os cabelos mágicos da filha que a mantinha sempre jovem e bonita, assim a constatação do falso bonzinho vem átona.

Melhor de todas as histórias na minha humilde opinião é do cavaleiro das trevas ou popularmente chamado de Batman, personagem que prendia os vilões e ao final da história sempre fugia da polícia que o via como um lunático mascarado e não um herói.

É claro que, quando se diz que um querer, um dever, um saber, um poder estão presentes numa narrativa, pressupõe-se também a existência de um não querer, um não dever, um não saber e um não poder. Numa ação involuntária, por exemplo, o sujeito operador é um sujeito segundo o não querer. Nas narrativas realizadas, as fases da sequência canônica não aparecem sempre bem arranjadas como pode ter dado a entender a explicação acima (FIORIN, 2001, p. 29).

Se o sujeito conseguiu alterar seu estado inicial, por exemplo, passando da disjunção (distanciamento) à conjunção (aproximidade) com o objeto-valor desejável, é provável que ele tenha cumprido com isso o contrato antes estabelecido entre ele e o destinador. Ao final da ação, tem-se o “percurso da sanção” ou aprovação, onde o sujeito será avaliado a partir de seu desempenho diante do contrato firmado no começo da narrativa, e onde geralmente o aprovado é o próprio destinador.

### **1.3. Nível Discursivo**

Finalmente, o último nível é o discursivo, na qual se verifica como a história é contada ou enunciada, ou como dizem modalizar o personagem, ou seja, quem realiza ou o que realiza o ato. No texto se utiliza de categorias de pessoa, tempo e espaço. O terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2005).

Diana Luz Pessoa de Barros (2005, p. 54), pontua que:

Cabe à sintaxe do discurso explicar as relações do sujeito da enunciação com discurso enunciado e também as relações entre enunciador e enunciatário. O discurso define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pelo sujeito da

enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário (BARROS, 2005, p. 54).

Relação essa que, de acordo com Fiorin, ocorre em categorias de pessoa, tempo e espaço.

Segundo Barros o “percurso gerativo das estruturas discursivas devem ser examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e o texto-enunciado”. (BARROS, 2005, p.15)

No nível discursivo temos a instauração de categorias de tempo, espaço e lugar, bem como a seleção entre um discurso mais abstrato ou mais concreto, utilizando-se para caracterização um modo de apresentar a narrativa mediante um texto mais temático ou mais figurativo.

Conforme Barros (2005, p. 16) “no nível discursivo, as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras”.

As leituras abstratas temáticas estão concretizadas em diferentes investimentos figurativos, todos eles caracterizados pela oposição de traços sensoriais, espaciais e temporais que separam, no texto, a liberdade da dominação contribuindo para a construção das ditas verdades.

#### **1.4. A argumentação na teoria semiótica**

Quando interagimos com outra pessoa fazemos o uso da argumentação, pois através dela buscamos persuadir ou convencer o outro usando um discurso argumentativo. Platão & Fiorin (2007) definem a argumentação como “qualquer tipo de procedimento usado pelo produtor do texto com vistas a levar o leitor a dar sua adesão às teses defendidas pelo texto”. Uma ideia geral ganha mais confiabilidade quando ela está acompanhada de exemplos concretos adequados. Exemplo “o espelho é feito de vidro, logo se cai quebra”, nessa premissa é verdadeira, ou seja, tem comprovação e confiabilidade.

Para a argumentação ter sucesso é imprescindível que a tese seja desenvolvida com argumentos relevantes que lhe dê sustentação, e ainda, que se tenha uma linguagem comum

com o auditório, possibilitando clareza em tudo que disser. Por auditório entende-se o conjunto de ouvintes que assistem a um discurso ou uma sessão que se quer convencer e persuadir, sendo que a quantidade de pessoas pode ser grande ou pequena ou, até mesmo uma única pessoa.

Barros (1988,p 111)vê o estudo da argumentação como um programa de manipulação, nele a autora mostra que a argumentação precisava ser revista e considerada como uma estrutura de “programas narrativos de busca ou de construção do saber ou de procura de adesão e de confiança” (BARROS, 1988, p 111) e considera três procedimentos utilizados pelo enunciador para influenciar o enunciatário: a implicitação ou explicitação de conteúdos, a prática de atos ilocucionais para atingir fins perlocucionais e a argumentação em sentido restrito. Os três procedimentos se apresentam confundidos no fazer persuasivo do enunciador e constituem a argumentação em sentido mais amplo (BARROS, 1988, p 98-113) É justamente essa ideia de “confusão”, ideias de que vários procedimentos e mecanismos sintáticos e semânticos estão envolvidos na argumentação, que me leva a considerar a relação entre os níveis narrativo e discursivo do percurso de sentido como uma outra “confusão” a essa explicação será feita como um esquemas argumentativos para explicar narrativamente.

Pelo contrato, o enunciador determina como o enunciatário deve interpretar o discurso, deve ler “a verdade”. O enunciador constrói no discurso todo um dispositivo veridictório, espalha marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário. Para escolher as pistas a serem oferecidas, o enunciador considera a relatividade cultural e social da “verdade”, sua variação em função do tipo de discurso, além das crenças do enunciatário que vai interpretá-las. O enunciatário, por sua vez, para entender o texto, precisa descobrir as pistas, compará-las com seus conhecimentos e convicções e, finalmente, crer ou não no discurso (BARROS, 2005, p. 61).

É essa possibilidade de articulação entre os níveis do percurso que permite o tratamento da argumentação, que é um mecanismo discursivo, como um programa de manipulação.

Esse programa de manipulação apresenta dois níveis do percurso gerativo de sentido: o narrativo e o discursivo. O primeiro é mais abstrato que o segundo; nele se articulam relações entre sujeitos e objetos, num nível esquemático, que se manifesta em estados e transformações redutíveis a operações de conjunção ou de disjunção entre sujeitos e objetos. O segundo nível,

o discursivo, recobre o anterior, por meio da intervenção de um sujeito da enunciação que projeta as categorias de tempo, espaço e pessoa, além de selecionar temas e figuras.

Koch (2001), em especial na obra Gramática da Língua Portuguesa, em que afirmam que argumentar é procurar convencer, ou mesmo persuadir, levando o leitor/ouvinte, por meio de razões, evidências, justificativas ou apelos de ordem emocional, a ter como correta e boa determinada proposta. Pragmaticamente, Koch (2001, p. 547) defendem que para a construção da estratégia argumentativa, necessitamos de argumentos acessíveis ao interlocutor e que a interação entre os participantes na argumentação pode estar marcada pelas estratégias adotadas pelos enunciadores.

No próximo capítulo apresentaremos um breve histórico sobre a cidade de Jardim, cenário das histórias orais coletados e analisadas neste trabalho.

## **CAPÍTULO II**

### **CONTEXTUALIZAÇÃO: JARDIM / MS – UM ESPAÇO DE CAUSOS.**

Em Jardim o desbravamento e povoamento desse município estão diretamente ligados à cidade de Bela Vista, fazendo parte da sua história. A região é riquíssima quanto à flora e de clima adequados à pecuária, assim teve com as fazendas de criação de gado o aceleramento da ocupação das terras do atual município, esse processo no qual se destacou a Fazenda Jardim, na época de propriedade do senhor Fábio Martins Barbosa, esse povoamento da região cedeu por volta de 1939, quando o 6º Batalhão de Engenharia, localizado na cidade de Aquidauana, mudou-se para as terras da Fazenda Jardim. No entanto por volta de 1945, o Batalhão foi extinto e criou a Comissão de Estrada e Rodagem nº3, que conhecemos popularmente como CER-03 ou antiga CER-03.

Esse batalhão estava sob o comando do Major Alberto Rodrigues da Costa, que preocupado com a situação precária com que se encontravam seus homens, decidiu comprar a Fazenda Jardim, após aquisição das terras, dividiu tudo em lotes, logo seguida vendeu para os seus funcionários que ali se residia, já que as terras ocupadas não lhes pertenciam. A venda dos primeiros terrenos aos servidores da CER-03 teve início em 14 de maio de 1946, sendo esta a data de fundação de Jardim, já em 13 de setembro de 1948, foi criado o Distrito de Jardim, através da Lei nº. 119/48, e em 11 de dezembro de 1953, através da Lei nº. 6771/53, o então governador do Estado de Mato Grosso, Dr. Fernando Corrêa da Costa, criou o município de Jardim através da Lei nº. 6771/53, data comemorativa de sua emancipação política.

Quando o 6º batalhão de engenharia chegou à Fazenda Jardim, nossas matas possuíam diversas espécies de plantas e frutas, entre elas podemos citar uma fruta em particular de aparência semelhante a da goiabinha do mato, devido essa semelhança houve no início uma grande confusão, lógico a diferença era visível e de fácil percepção, primeira a goiaba tem as sementes menos encorpada e seca e seus frutos ocorrem mais de uma vez por ano, já a guavira é de suave aroma agradável e contém numerosas sementes envolvidas por um líquido adocicado e seus frutos ocorrem uma vez por ano. O município ainda possui partes de sua história ligadas a trechos da Guerra da Paraguai, pois foi um dos palcos da Retirada da Laguna, um dos episódios da Guerra.

A realização de eventos também é uma especialidade em Jardim, com Exposições Agropecuárias e festas como Réveillon, Carnaval, Moto Show, dentre outras abertas a todos

públicos. Dentre as modalidades de turismo que a cidade oferece destacam-se o ecoturismo, pelos atrativos Buraco das Araras, Lagoa Misteriosa, Balneários e o Recanto Ecológico Rio da Prata.

## 2.1. A Cultura da Guavira

Para Ávidos; Ferreira (2005, p 36) a fauna e a flora do cerrado brasileiro possuem uma grandeza territorial com 204 milhões de hectares. Essa extensão territorial garante uma diversidade de espécies, entre elas destacamos a guavira, cuja variação popular poderá ser também gabioba. O nome científico do vegetal é *Camponesia cambessedea Berg* e ela pertence à família botânica *Myrtaceae*. O fruto é arredondado de coloração verde amarelado, sua polpa amarelada é suculenta envolvida por numerosas sementes. Além do consumo *in natura*, a guavira ou gabioba pode ser aproveitada na forma de sucos, doces e sorvetes, bem como servir de matéria-prima para um saboroso licor. (ÁVIDOS; FERREIRA, 2005, p. 41).



**A Guavira**

**Fonte:** Abrasel, 2011.

Em Jardim, é possível encontrar a guavira nas poucas matas e cerrados remanescentes, ela tem o porte arbustivo que varia de 0,20 a 1,50 metros de altura, suas folhas diferem no

tamanho e na consistência e os frutos também diferem no tamanho com a casca que vai da cor verde-clara à amarela, quando maduros possui um leve sabor azedo adocicado, planta nativa da região é pouco exigente em fertilidade de solo, muito rústica e se desenvolve em qualquer local da nossa região, e sua propagação se dar através de sementes. . (ÁVIDOS; FERREIRA, 2005, p. 41).

O florescimento da guavira ocorre de setembro a outubro e a maturação dos frutos de novembro a dezembro. Em relação à produtividade dos frutos e quantidade produzida depende do tamanho das plantas e de populações existente na área. Vale ressaltar que não existem dados de produtividade porque não existem plantações comerciais de guavira, ou seja, ocorre de forma nativa nas regiões de mata e se multiplica por sementes, planta que se adaptou ao clima da nossa região, preferindo climas quentes, porém com poucas chuvas.

A utilização e diferencial da guavira é o seu sabor, o frutos maduros são mais consumidos ao natural e são deliciosos, suculentos, doces, de suave aroma agradável e contêm numerosas sementes. Quando colhida no ponto ideal de maturação, é doce e com gosto característico, diferente de qualquer outra fruta. Por isso seu aproveitamento é diversificada consumida in natura na culinária a guavira quase tudo se aproveita, a casca ingrediente de licor, de mistura na cachaça, a fruta doce ou geleia, além de possuir propriedades medicinais, sendo adstringente e antidiarreica, utilizando a fruta, folha e broto para tratamento de Diarreia, Disenteria, Escorbuto, Estado febril. Não há notícias de vendas em grande quantidade, porém algumas pessoas encontram meios de ganhar dinheiro vendendo a fruta em beira de estrada para reforçar a renda familiar.



### **CAPÍTULO III**

#### **NARRATIVAS ORAIS**

A narrativa nada mais é do ato de contar histórias, ou seja, remontar o passado, relatando os fatos acontecidos, esse recurso é utilizado desta das eras primitiva, quando o homem usava apenas desenho para conta sua trajetória de vida fazendo com que suas histórias fossem passando de geração para geração, com algumas modificações, ou como dizia o ditado popular “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Segundo Fiorin (2007, p. 289), “texto narrativo é aquele que relata as mudanças progressiva de estado que vão ocorrendo com as pessoas e as coisas através do tempo”, esse ato de contar histórias remonta ao passado é a forma que o homem encontrou para melhor se conhecer.

Nesse tipo de texto, os episódios e os relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade ou de posterioridade. Essa relação de anterioridade ou posterioridade é sempre pertinente num texto narrativo, mesmo quando ela venha alterada na sua linear por uma razão ou por outra (FIORIN, 2007, p. 289).

As narrativas orais trazem mudanças de estados, sucessão de estabelecimentos e transformador de um sujeito que age sobre o mundo em busca de valores investidos nas narrativas orais como rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, assim decorre a comunicação e o conflito entre sujeitos e a circulação de objetos

Pode-se, para criar certos efeitos de sentido, mudar a sequencia linear dos enunciados. Por exemplo, certas narrativas começam pelo fim e, depois, relatam, por meio da rememoração de algum personagem, o que deveria, na ordem cronológica, vir antes. Quando essas alterações são bem feitas, o leitor é sempre capaz de reconstituir, de forma perfeita, a progressão linear (FIORIN, 2007, p. 290).

Segundo FIORIN (2001) a grande invenção e funcionamento mágico chamado de narrativa, ajudou o homem a melhor se conhecer. Esse percurso da oralidade à escrita e do verso à prosa, o homem contou as suas alegrias, tormentos, tragédias, sonhos e pesadelos,

circunscrevendo no formato de uma narrativa as histórias que compõem o drama e a felicidade da condição humana. Assim o mágico e fantástico unem espaço e personagem num tempo que se infiltra pela cultura popular, transformando narrativas reais em ficção imaginária.

### 3.2. *Corpus da pesquisa: entrevistas*

Os questionários foram elaborados com doze (12) perguntas relacionadas ao tema “história de guaviras”, porém alguns dos entrevistados não souberam responder ou simplesmente se acanharam ao perceber que tudo estava sendo gravado, respeitando essas pessoas, foram realizadas apenas nove (9) perguntas, lógico tudo isso obedecendo a uma ordem de interesses que convergiam aos objetivos da coleta dos dados. Diante das respostas oferecidas, selecionamos alguns textos que acreditamos conter informações relevantes a nossos propósitos, apresentando nos anexos às entrevistas na íntegra. O trabalho de campo teve a duração de cinco (5) meses, resultando em quatro (4) horas de gravação em áudio, que foram transcritas sem fugir dos aspectos fonológicos e dialetais dos entrevistados. As fontes orais dessas histórias ficaram assim categorizadas:

<b>INFORMANTES</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>IDADE</b>	<b>LOCAL ONDE RESIDE</b>
<i>A</i>	Doméstica	48	2ª Curva
<i>B</i>	Aposentada	77	Vila Santa Tereza
<i>C</i>	Aposentada	70	Vila Panorama
<i>D</i>	Secretária	51	Vila Camisão
<i>E</i>	Pedreiro	28	Vila Angélica II
<i>F</i>	Funcionário Público	24	Centro
<i>G</i>	Do lar	50	Panorama

### 3.2.1. Informante A

**Profissão:** Doméstica

**Idade:** 48 anos

**Local de residência:** Vila Panorama

**Data da coleta:** 17 de março de 2013

**Sexo:** Feminino

**Pesquisador:** Que meio de transporte você geralmente utiliza para ir até o guaviral?

**Informante A:** Bem, quando mais nova como eu já tinha te contado, eu e minhas tias nois ia de bicicleta com os nossos baldes de lata na garupa. Hoje em dia as coisas estão mais fácil do que antigamente, por isso, a gente se junta pra fazer uma vaquinha pra pagar alguém que tem carro pra levar a gente pra catar guavira.

A informante “A”, ao usar o termo “quando mais nova”, ela esta se referindo o tempo, ou seja, usa o verbo no passado para iniciar a história. Nesse primeiro momento o sujeito da narrativa é “eu e minhas tias”, reforçando a história em primeira pessoa do pretérito imperfeito “eu” que busca um objeto que é a “bicicleta com os nossos baldes de lata na garupa” tornando possível adquirir um determinado valor que é o consumo das guaviras. Ao falar com o verbo no passado o enunciatário reforça a ideia de uma ação mais tumultuada e difícil, tendo em vista que antigamente existia uma grande dificuldade para catar guavira,, ou seja, pra mim essa época foi muito difícil. O segundo percurso da narrativa está relacionado ao presente marcado pela expressão “Hoje”, nela o enunciatário afirma que as coisas são mais fáceis do que antigamente, aqui o sujeito é mais informal e impessoal, já que mediante o uso da expressão “A gente” que se junta pra fazer uma vaquinha (contribuição ofertada por um grupo de pessoas que busca alcançar algo ou alguma coisa em comum) se insere no grupo dos sujeitos responsáveis pela ação, mas de forma velada, com objetivo de pagar alguém que tenha carro que possa leva-los para catar guavira, tornando possível conseguir um determinado valor que é o acesso à fruta, a guavira.

O processo de euforização ou disforização está atrelado ao aspecto temporal. O enunciador, ao mencionar que quando era mais nova as coisas eram mais difíceis enaltece os sujeitos “eu e minhas tias” euforizando tanto os sujeitos quanto as ações. Por outro lado, ao mencionar que “Hoje as coisas estão mais fácil” disforiza tanto os sujeitos “A gente” quanto às ações praticadas por estes sujeitos, os quais são caracterizados de forma genérica.

**Pesquisador:** Existe alguma história assustadora ou engraçada que você vivenciou ou ouviu falar?

**Informante A:** Sim, eu sei de muitas histórias que as pessoas costumam contar, mas pra mim nunca apareceu nada assustador. Bom, algumas mulheres contam que quando elas estavam catando guavira, às vezes aparecia um homem pelado e começava a correr atrás delas no guaviral, e então elas até apelidaram ele de o tarado do guaviral. Acho que o tarado atacava as mulheradas porque elas eram que mais ia na guavira, dizem que essa história é de verdade e até eu fiquei com medo e só ia catar guavira se tivesse algum homem com nós.

Nessa outra história o informante A, podemos observar dois percursos narrativos, o primeiro temos o sujeito “algumas mulheres”, o objeto “contar história de um homem pelado”, em seguida o valor “medo”. No segundo percurso temos o sujeito o “homem pelado”, o objeto que é “correr atrás delas”, e por fim o valor o “medo”.

A história fala de um homem tarado que atacava as mulheres que iam sozinhas ao guaviral. No percurso narrativo I, percebemos que há um sujeito o “homem” que se utiliza da história do “tarado”, um objeto para alcançar um valor, a desistência das mulheres através do medo, assim não iriam sozinhas ao guaviral, tanto é que a informante destaca com a frase “ate eu fiquei com medo e só ia catar guavira se tivesse algum homem com nós”.

Nessa história o uso manipulação é evidente, sendo feita sobre a forma da intimidação, nela o manipulador ameaça o destinatário indiretamente dizendo o quanto é perigoso catar guavira sem um homem por perto, assim as mulheres que conhecem essa história ficariam com medo de ir sozinhas ao guaviral.

Outra justificativa para a história da informante A está no fato de que antigamente as famílias eram mais conservadoras e, em hipótese alguma, aceitavam uma filha sair para catar guavira, muito menos ao ouvir falar que ela estaria andando no mato sozinha, assim evitava comentários maldosos por parte dos vizinhos, principalmente se fosse solteira. O risco para as

mulheres casadas existia o medo da traição por parte dos maridos, com ideias mirabolantes que o mato serviria de espaço para a concretização de um ato de traição. Já os fazendeiros viam a história como uma forma de preservar suas terras, já que muitas das vezes, tinham os arames das cercas cortadas por essas pessoas, causando prejuízos, além de facilitar a fuga dos gados.

Nessa época, euforizava-se presença do homem e disforizava-se presença da mulher sozinha no guaviral, ou seja, o machismo era bem elevado.

Na perspectiva de uma narrativa criada pelo fazendeiro temos esta euforização do homem e disforização da mulher enquanto um recurso utilizado para minimizar a presença de pessoas nas fazendas, tendo em vista que normalmente quem realizava o trabalho de coleta das guaviras eram as mulheres.

**Pesquisador:** Existe alguma história assustadora ou engraçada que você vivenciou ou ouviu falar?

**Informante A:** Outra história que aconteceu de verdade, é que algumas pessoas se perdiam no matagal quando procuravam a guavira. Uma vez um senhor já de idade ficou dois dias perdido e só foi encontrado no terceiro dia pelos policiais, coitado do velhinho. Sei também de uma criança que se perdeu, mais ainda que acharam ela logo.

Nessa história da informante A tem-se dois percursos narrativos, no primeiro tem o sujeito que é algumas pessoas que se utilizam do objeto “matagal” para alcançar um valor que é cata guavira, já no segundo percurso temos “um senhor já de idade”, denominado também de “um velhinho” e “uma criança” os quais em busca do objeto matagal com intuito de alcançar o valor guavira, no entanto, o enunciatário destaca o querer destes sujeitos que carecem do poder fazer tendo em vista que o meio, o espaço denominado de “matagal” é impróprio a estes sujeitos pois os mesmos acabam se perdendo e ficando por lá “dois dias perdidos”.

Quando o enunciatário usa o termo “aconteceu de verdade”, ela está afirmando em primeira pessoa mostra que aconteceu com ela também. Nesse primeiro nível o enunciatário diz que algumas pessoas já se perderam no matagal procurando guavira, mostrando que catar guavira pode ser perigoso. No segundo o enunciatário reforça a ideia de perigo dizendo que um velho e uma criança já se perderam no matagal, dessa forma a história vem desenrolando

no modo de intimidação, assim pode se perceber que se você for velho não terá agilidade muito menos força para entrar numa mata para catar guavira, cansara e ficara perdido, porem se for muito novo ficara maravilhado e não prestara atenção nas coisas, por onde entrou muito menos por onde vai sai, assim ficara perdido também.

Na história, a euforização está relacionada com o espaço matagal, que conforme Aulete, significa “1. Grande concentração de mato; BRENHA 2. Terreno em que há muito mato e/ou vegetação selvagem 3. Fig. Conjunto de coisas emaranhadas ou confusas; desordem; caos”. “Um lugar um tanto selvagem, fantástico, que requer atenção por parte dos frequentadores, devido a uma área muito grande de vegetação em que as pessoas se perdiam facilmente”.

Já a disforização está voltada para os velhos e crianças, pois não era aconselhado levá-los para catarem guavira, numa ideologia que suscita a exclusão de dois grupos de pessoas da ação de sair de suas casas a fim de coletar a guavira, as crianças e os idosos, trabalho este indicado apenas aos homens.

### **3.2.2. Informante B**

**Profissão:** Aposentada

**Idade:** 77 anos

**Local de residência:** Vila Santa Tereza

**Data da coleta:** 24 de fevereiro de 2013

**Sexo:** Feminino

**Pesquisador:** Quem lhe motivou a seguir essa tradição?

**Informante B:** Olha minha querida, eu comecei ir no guaviral quando via as pessoas passando aqui na frente da minha casa de bicicleta me convidando pra ir também, como não sei andar de bicicleta pegava carona na carreta do seu Birajara e ia também procurar guavira.

A história inicia-se com certa afinidade, intimidade com o entrevistador, notada pela expressão “Minha querida”, embora, também essa forma de tratamento possa ser vista como ironia usada pelo entrevistado.

Na narrativa, o sujeito constrói-se mediante a primeira pessoa “EU”, num comprometimento com a verdade dos fatos apresentados e um eles (terceira pessoa do plural), designado pela expressão “as pessoas”. Ambos buscam um objeto a “carona na carreta do seu Birajara” e a “bicicleta” a fim de alcançar um valor “procurar guavira”.

O enunciador, no entanto, destaca o fato de o ato de procurar a guavira ser tão importante que na impossibilidade de se utilizar do objeto “bicicleta”, destacado em “como não sei andar de bicicleta” procura outros meios /objeto para tal fim “pegava carona na carreta do seu Birajara” tornando possível alcançar o valor almejado, catar a guavira, o que se reforça por meio da expressão “quando via as pessoas passando aqui na frente da minha casa de bicicleta me convidando pra ir também”, como se esse ato ocorresse de forma contínua, marcado pelo uso do verbo no gerúndio “passando” e “convidando”, enaltecendo a vontade do enunciador em participar da ação.

Na narrativa podemos notar um desejo evidente do enunciador de poder ir catar guavira de bicicleta, por não saber andar não deixou se abalar pela dificuldade e através da amizade com um carreteiro seu Bijajara encontro meios para consegui o que buscava procura guavira.

Na narrativa percebemos a euforização da ação de procurar a guavira presente quando o sujeito é convidado para catar guavira, pois quando esse convite se torna impossível, amizade encontra meios para torná-la possível, frente ao companheirismo entre vizinho.

### **3.2.3. Informante C**

**Profissão:** Aposentada

**Idade:** 70 anos

**Local de residência:** Vila Panorama

**Data da coleta:** 24 de março de 2013

**Sexo:** Feminino

**Pesquisador:** Existe alguma história assustadora ou engraçada que a senhora vivenciou ou ouviu falar?

**Informante C:** Ó, a gente, a história que eu sei e que fala no tempo que a gente era criança, mesmo minha mãe e o meu pai nos recomendava muito era a gente ter cuidado com cobra né, porque é perigoso né. E aconteceu e já havia acontecido muitos casos de pessoas que foi pego por cobra no guaviral, mas eu nunca presenciei alguém sendo picado por cobra, “ graças a Deus.”

A informalidade do entrevistado revela ser uma pessoa humilde percebida pelo uso do verbo “a gente” ao invés de nós, assim com verbo na 3ª pessoa do plural utilizada para apresentar a presença do perigo. Mas como essa pessoa tem pouca força argumentativa, o enunciador marca sua posição que é contrária a esse fato, presença de cobra dizendo que nunca presenciou alguém sendo picado por cobra, fazendo isso, através da 1ª pessoa do singular, que reforça o teor argumentativo da mensagem.

Temos o sujeito, um pai e uma mãe que busca o objeto a cobra a fim de alcançar um valor que o bem estar dos filhos.

O desenrolar da narrativa se dar através da intimidação em forma de uma recomendação dos pais para ter cuidado com cobras, usando a cobra como artifício real para causa medo.

A euforização é temporal, ou seja, antigamente os pais tinham mais cuidado com os filhos.

A disforização está relacionada com o real aquilo que se pode vê e tocar, assim podem notar pela frase “mas eu nunca presenciei alguém sendo picado por cobra”, graças a Deus”, ou seja, só acredita vendo”.

#### **3.2.4. Informante D**

**Profissão:** Secretária

**Idade:** 51 anos

**Local de residência:** Vila Camisão

**Data da coleta:** 26 de março de 2013

**Sexo:** Feminino



**Pesquisador:** Pra senhora, antigamente era mais de encontrar guavira do que nos dias de hoje? Por quê?

**Informante D:** Fazendo uma comparação, acho que antigamente as pessoas tinham mais disposição pra ir procurar guavira. Hoje em dia algumas pessoas já deixaram de seguir essa tradição porque muitos de fazenda, não permitem mais a entrada das pessoas pra catar guavira, e isso foi desanimando um pouco a população.

Aqui o enunciatário começa a narrativa fazendo uma comparação do passado com o presente, dizendo que hoje poucas pessoas disponibilizam de tempo para catar guavira deixando de seguir essa tradição já que muitos fazendeiros não permitem mais a entrada das pessoas em suas terras.

A euforização esta relacionada com o passado, pois as pessoas tinham mais disposição pra ir procurar guavira. Disforização do presente cujas causas estão nas ações dos Fazendeiros tentando minimizar a tradição de catar a guavira o que provoca o desânimo da população.

### 3.2.5. Informante E

**Profissão:** Pedreiro

**Idade:** 28 anos

**Local de residência:** Vila Angélica II

**Data da coleta:** 29 de março de 2013

**Sexo:** Masculino

**Pesquisador:** Você já participou de alguma colheita de guavira?

**Informante E:** Sim, eu comecei a catar guavira na verdade desde os cinco anos de idade, e partir dai eu sempre ia com minha mãe, era divertido, era o único momento que a gente conseguia reunir toda a família pra catar guavira

O enunciador reforça a ideia de que o sujeito família, apresentada mediante “toda a família” busca um objeto catar a guavira para alcançar o valor diversão e a reunião dos membros ou dos parente..

A importância do ato de catar evidente na expressão “reunir toda a família pra catar guavira”, na narrativa há certo saudosismo do enunciatário ao lembrar-se do passado “eu comecei a catar guavira na verdade desde os cinco anos de idade”, reforça a ideia de ser uma tradição algo que se faz há muito tempo, importante para a construção da identidade do sujeito enunciator.

Euforização – reunião da família que acontecia durante a coleta da guavira além de ser muito divertido.

Disforização – ausência de momentos em comum – reunião da família.

**Pesquisador:** Que meio de transporte você geralmente utiliza para ir até o guaviral?

**Informante E:** Bom, até os dez anos de idade a gente ia de carro, meu vizinho tinha um carro e a gente fazia uma vaquinha e rachava a gasolina, e a gente ia lá. Levávamos lanche, saíamos cedo lá por sete horas da manhã e ficava o dia inteiro, e voltava quatro, cinco horas da tarde. Depois dos dez anos a gente começou a ir de bicicleta, fazia uma galerinha com o pessoal e ia catar guavira.

Temos o sujeito de 10 anos de idade que busca um objeto o “carro do vizinho” que através de uma vaquinha consiga alcançar um determinado valor o relaxamento ou descanso.

O enunciatário afirma que na infância era prazeroso catar guavira podemos notar quando ele diz “Levávamos lanche, saíamos cedo lá por sete horas da manhã”, todo se ajudavam, “meu vizinho tinha um carro e a gente fazia uma vaquinha e rachava a gasolina” e principalmente ninguém tinha pressa, “ficava o dia inteiro, e voltava quatro, cinco horas da tarde”

O tempo foi passando e os hábitos de catar guavira com a família reunida já não era tão agradável, o enunciatário já não via mais na obrigação de sair com os pais, afinal já tinha mais dez anos e com uma galerinha ia catar guavira de bicicleta.

A euforização está relacionada com pureza da infância notada pela seguinte expressão “até os dez anos de idade a gente ia de carro, meu vizinho tinha um carro e a gente fazia uma vaquinha e rachava a gasolina”, nessa época tudo era muito gostoso, era único momento que

podia vê a familiar reunida, a gente ia lá, levávamos lanche, saíamos cedo lá por sete horas da manhã e ficava o dia inteiro, e voltava quatro, cinco horas da tarde.

A disforização está relacionada com a sociedade, com a modernidade, a vergonha do filho em sai com pais, de se turma com uma galera da mesma idade.

### **3.2.6. Informante F**

**Profissão:** Funcionário Público

**Idade:** 24 anos

**Local de residência:** Centro

**Data da coleta:** 29 de março de 2013

**Sexo:** Masculino

**Pesquisador:** Quem lhe motivou a seguir essa tradição?

**Informante F:** Pra mim foi a família toda, a minha vó tinha esse costume de catar guavira e ai passou pra minha mãe e minha mãe passou pra nós, e acredito que vai ser assim por diante até que a guavira acabe de existir um dia.

Aqui o enunciatário afirma que o ato de catar guavira vem passando de geração para geração, percebemos também no medo que as pessoas tem de torna extinta a guavira, notada pela expressão do enunciatário ao dizer “acabe de existir um dia”.

### **3.2.7. Informante G**

**Profissão:** Do Lar

**Idade:** 50 anos

**Local de residência:** Vila Panorama

**Data da coleta:** 04 de abril de 2013

**Sexo:** Feminino

**Pesquisador:** Quem lhe motivou a seguir essa tradição?

**Informante G:** No começo eu não gostava muito de ir, mas como todo mundo ia e eu também não queria ficar sozinha em casa eu comecei a seguir minha mãe e minhas tias na procura da guavira, e daí eu acabei gostando e todas as vezes que elas iam eu dava um jeito de ir atrás delas.

Através da intimidação, nesse caso o medo de ficar sozinha por não participar da ação encarada aqui enquanto um evento, fez com que nosso enunciador, informante G, seguisse sua mãe e tias para procurar guavira, conseqüentemente essa ação instiga o gosto pela coleta da guavira, por intermédio não mais do medo de não participar, mas sim pelo prazer.

Temos um Percurso narrativo que se instaura a partir de um Sujeito que busca um objeto, a ação de coletar guavira para adquirir um valor, a participação juntamente com outras pessoas, mãe e tias na ação de coletar a fruta. Em outro percurso narrativo temos um sujeito que após ser instigado pela intimidação de ficar sozinha em casa, passa a buscar outro objeto, ou seja, “dava um jeito de ir atrás delas” a fim de alcançar o valor almejado, participar da coleta da guavira.

**Pesquisador:** Existe alguma história assustadora ou engraçada que você vivenciou ou ouviu falar?

**Informante G:** De vez em quando a gente pisava numas cobrinhas lá, era um pouco perigoso mais era gostoso, o ruim foi quando uma dona que era até nosso parente se perdeu no meio do matagal ela andou tanto naquele guaviral que nós só fomos encontrar ela na outra fazenda, mas não levou o dia inteiro pra encontrar ela só a manhã inteira (risos), mas foi só esse apuro que a gente já passou os outros anos era tranquilo.

Questionada sobre a presença de alguma narrativa fantástica relacionada à cultura da guavira, temos uma menção à temática da presença de cobras em meio ao guaviral, pois segundo alguns moradores e amantes da guavira, as cobras também gostam de consumir a fruta. Após comê-la, as cobras descansam embaixo dos pés de guavira, podendo causar espanto às pessoas, pois temiam pisar sobre os répteis. Há mas também o destaque feito ao ato

das pessoas perderem o senso de localização, “o ruim foi quando uma dona que era até nosso parente se perdeu no meio do matagal ela andou tanto naquele guaviral que nós só fomos encontrar ela na outra fazenda”.

A pessoa se apresenta de forma um tanto velada no texto, “uma dona que era até nosso parente”, inserida de forma a provocar um distanciamento do enunciador em relação aos fatos, a fim de enaltecer o ato de sair de casa para catar guavira enquanto algo que mesmo tendo alguns perigos, é muito positiva. Portanto há a euforização tanto da ação de coletar a guavira, quanto das pessoas dos enunciadores em contrapartida com a disforização de outras pessoas que se aventuram na coleta da fruta, na tentativa de minimizar o número de pessoas com competência para desenvolver a ação de ir para o matagal em busca da guavira.

Nesta história temos um sujeito que busca alguns objetos “pisava numas cobrinhas” e o ato de se perder no matagal, “era até nosso parente se perdeu no meio do matagal” a fim de adquirir um objeto, “a aprovação do ato de catar guavira” por parte dos enunciatários, o que se ressalta por intermédio do enunciado “mas foi só esse apuro que a gente já passou os outros anos era tranquilo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho focado no levantamento do percurso narrativo das histórias orais relacionadas à guavira procuramos transformações situadas entre dois estados diferentes o inicial e o final, desempenhados pelo sujeito e objeto. Contudo não devemos confundir sujeito com pessoa muito menos objeto com coisa, pois esses são papéis narrativos, ou seja, podem ser representados em nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais, cujos objetos e valores variam de sujeito para sujeito.

Através da análise do corpus das histórias pelo viés da teoria semiótica greimasiana, buscamos levantar as estratégias utilizadas pelos enunciadores mediante o nível narrativo dos textos e nesse intuito percebemos o quanto as narrativas estão carregadas de um aspecto afetivo e cultural, pois em diversos momentos percebemos no discurso dos entrevistados a necessidade de reforçar a ideia de que ele/ela informantes do nosso trabalho sempre coletaram guavira para seu próprio consumo, aludindo e ao mesmo tempo disforizando a ação de algumas pessoas que também tem na coleta da guavira uma fonte de recurso financeiro.

Com as histórias orais aqui registradas percebemos pelo menos duas grandes ideologias debatidas. De um lado temos os fazendeiros preocupados com prejuízo causados pelas pessoas que entram nas suas terras desrespeitando as propriedades alheira para catar guavira, um terreno fértil para a criação de histórias, a fim de causar medo e assim desistência das pessoas em catar guavira, por outro lado temos os homens que se utilizavam dessas histórias para também se beneficiar, visto que por traz dessa atitude existia uma intenção de desmotivar as ações das mulheres de ir até o guaviral..

Muitas histórias criadas, contadas e recontadas que necessitam ser compiladas a fim de que as pessoas possam conhecer e estudar o imaginário popular que circunda a cultura da guavira, por isso a importância de transcrevê-las, dessa forma teríamos um registro do passado, a disposição das futuras gerações.

Para mim a semiótica ensina como um texto consegue definir como produto de uma situação comunicativa entre dois ou mais sujeitos podendo ter uma unidade de sentido produzida por uma ou mais linguagens, facilitando a nossa comunicação oral e escrita, graças a isso, foi possível concluir minhas análises das histórias orais, assim um texto deve ser analisado em seus aspectos internos e externos em outras palavras semiótica procura explicar os sentidos do texto através do plano de conteúdo e do plano de expressão.

Algumas questões saltam aos nossos olhos quando lemos as narrativas. Exemplo disso diz respeito ao ato de os sujeitos desenvolverem seus percursos narrativos enaltecendo as ações desenvolvidas pelos moradores antigos quando saíam com seus companheiros a fim de coletar a guavira, criando um paralelo entre a euforia dos esforços feitos no passado e a disforia dos poucos esforços tidos na atualidade para alcançar o objeto que pode ser a guavira ou o próprio ato de sair de casa para coletar a guavira.

Sabemos que os sentidos de um texto não se constroem de maneira simplista. É necessário que o leitor aprenda a decifrar o que está nas entrelinhas “verdadeiros enigmas”, afinal cada texto funciona como um conjunto de tramas discursivas de onde emanam sentidos que devem ser inferidos tendo em vista a materialidade linguística, contribuindo para formação de um sujeito leitor crítico e reflexivo.

## REFERÊNCIAS

ABRASEL – Associação Brasileira de Bares e Restaurantes. **Conheça a Guavira, a típica fruta do cerrado sul-mato-grossense**, 2011. Disponível em: <http://abrasebonito.blogspot.com.br/2011/11/conheca-guavira-tipica-fruta-do-cerrado.html>. Acesso em 3 de novembro de 2013.

AVIDOS, Maria Fernanda Diniz; FERREIRA, Lucas Tadeu. **Frutos dos cerrados: Preservação gera muitos frutos**. Biotecnologia Ciência & Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.biotecnologia.com.br/revista/bio15/frutos.pdf> Acesso em 03 de outubro de 2013.

BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. **Narrativas Oraís: performance e memória: Manaus- Amazonas: 2011.**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo, Atual, 1988.

\_\_\_\_\_. **Teoria Semiótica do Texto**, 4ª edição, 6ª impressão, Editora Parma LTDA. 2005.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **De Narrativas Oraís e suas Abordagens Interdisciplinares: ipotesi**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 179-182, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **Poesia Oral e Reiteratividade: O caso das narrativas oraís pantaneiras**. Doutor em Letras. Professor do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da UEL, Coordenador do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL (biênios 2002-2004/2004-2006).

\_\_\_\_\_. **Fundamentos teóricos para o ensino da leitura**. Revista 2, temas e figuras. Universidade de São Paulo. Trabalho apresentado por ocasião do XIII Semana de Letras, realizada na UFSM, em novembro de 1990.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística**. 2003. Vol. 1 e 2. Introdução à Linguística Objetos teóricos.

\_\_\_\_\_. **Semiótica e História**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo, nº 42, p. 15-34, 2011.



GUAVIRA COBRE ÁREAS NO INTERIOR DO MS. Disponível em:  
<http://www.bonitobrazil.com.br/noticia-943-guavira+cobre+areas+no+interior+do+ms.htm>  
Acesso em 24 de dezembro de 2012.

GABIROBA. Disponível em: <http://www.frutas.radar-rs.com.br/frutas/guabiroba/guabiroba.htm> Acesso em 28 de dezembro de 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e Linguagem**. 7ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2002.

LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. **Lições de texto: leitura e redação**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

PLATÃO E FIORIN: **Para entender o texto: leitura e redação**: 17. ed. São Paulo: editora ática, 2007

## **ANEXO A – INFORMANTE A**

**Profissão:** Doméstica

**Idade:** 48 anos

**Local de Residência:** 2ª Curva

**Data de coleta:** 17 de março de 2013

### **1. Você já participou de alguma colheita de guavira? A quanto tempo você segue essa tradição?**

Sim, desde a minha adolescência, mas não sei dizer a quantos anos mais ou menos porque não era todos os anos que eu podia ir no guaviral.

### **2. Quem lhe motivou a seguir essa tradição?**

Quando eu era mocinha me lembro que minhas tias se juntavam para ir catar guavira e elas sempre me levavam junto e então eu fui gostando de fazer isso.

### **3. Que meio de transporte você geralmente utiliza para ir até o guaviral?**

Bem, quando mais nova como eu já tinha te contado, eu e minhas tias nós ia de bicicleta com os nossos baldes de lata na garupa. Hoje em dia as coisas estão mais fácil do que antigamente, por isso, a gente se junta pra fazer uma vaquinha pra pagar alguém que tem carro pra levar a gente pra catar guavira.

### **4. Para você, qual é o período ideal para colher guavira? Por quê?**

Bom, eu prefiro ir de manhã bem cedo, porque de manhã é mais fresco e eu acho menos perigoso, de tarde os bichos saem muito principalmente cobras, acho que é por causa do calor.

### **5. Em que lugar você geralmente vai para catar guavira?**

Eu geralmente vou em direção a uma fazenda chamada Retinda, lá tem muita guavira.

### **6. Você conhece outros lugares onde as pessoas costumam ir para catar guavira?**

Conheço, você pega a rua do cemitério na Cachoeirinha e segue até a fazenda do Ninho verde e na fazenda Duas Porteiras, esses são os lugares que eu conheço e sei que as pessoas vão todos os anos, mas tem outros só que agora eu não lembro o nome da fazenda.

#### **7. Existe alguma história assustadora ou engraçada que você vivenciou ou ouviu falar?**

Sim, eu sei de muitas histórias que as pessoas costumam contar, mas pra mim nunca apareceu nada assustador. Bom algumas mulheres contam que quando elas estavam catando guavira, às vezes aparecia um homem pelado e começava a correr atrás delas no guaviral, e então elas até apelidaram ele de o tarado do guaviral. Acho que o tarado atacava as mulheradas porque elas eram que mais ia na guavira, dizem que essa história é de verdade e até eu fiquei com medo e só ia catar guavira se tivesse algum homem com nós.

Outra história que aconteceu de verdade, é que algumas pessoas se perdiam no matagal quando procuravam a guavira. Uma vez um senhor já de idade ficou dois dias perdido e só foi encontrado no terceiro dia pelos policiais, coitado do velhinho. Sei também de uma criança que se perdeu, mais ainda que acharam ela logo.

Algumas pessoas mais antigas dizem já terem vistos espíritos maus perseguindo eles, até soldados mortos sem cabeça aparecia no guaviral, bem são essas que eu sei.

#### **8. Pra você, a guavira lhe traz ou já lhe trouxe algum benefício?**

Acho que sim, cato guavira pelo gosto que tenho de fazer isso todos os anos quando posso, a fruta é muito gostoso e, além disso, eu uso as cascas para fazer remédio pra pressão.

#### **9. Você saberia dizer se a origem da guavira tem alguma relação com a Guerra do Paraguai ocorrido na cidade de Jardim?**

É... disso eu não sei nada, mas sei que lá por 1940 a 1942 ocorreu uma revolução entre Paraguai e Bolívia, dizem que durante essa revolução os soldados andavam quilômetros e quilômetros a pé, passavam fome e matavam o que achavam para sobreviver e quando não mais tinham o que comer eles acharam essa frutinha que chamaram de guavira e começaram a chupar.

Meus parentes mais antigos contam essa história e dizem que foram esses soldados paraguaios e bolivianos que descobriram a guavira, e como nesta época eles se refugiaram para o Brasil e os brasileiros sabendo disso através dos soldados refugiados, também

passaram a consumir essa fruta. Não sei se essa história é verdadeira, mas é isso que contaram quando eu era jovem.

## **ANEXO B – INFORMANTE B**

**Profissão:** Aposentada

**Idade:** 77 anos

**Local de Residência:** Vila Santa Tereza

**Data de coleta:** 24 de fevereiro de 2013

### **1. A senhora já participou de alguma colheita de guavira? A quanto tempo segue essa tradição?**

Já, sempre quando eu posso e tem carona eu vou, faz muito tempo que eu cato guavira.

### **2. Quem lhe motivou a seguir essa tradição?**

Olha minha querida, eu comecei ir no guaviral quando via as pessoas passando aqui na frente da minha casa de bicicleta me convidando pra ir também, como não sei andar de bicicleta pegava carona na carreta do seu Birajara e ia também procurar guavira.

### **3. Que meio de transporte a senhora geralmente utiliza para ir até o guaviral?**

Vou de carona, não sei andar de bicicleta e é muito longe onde nós vai catar guavira.

### **4. Para a senhora, qual é o período ideal para colher guavira? Por quê?**

Eu gosto de ir de manhã, porque de manhã tem pouca gente no guaviral e a gente cata mais sossegada.

### **5. Em que lugar a senhora geralmente vai para catar guavira?**

Eu não sei os nomes das fazendas onde onde nós vai sempre, mais a gente pega aquela rua que passa a ponte da vila Cachoeirinha, aquela rua do cemitério e vai direto embora, hãhã lembrei! Para o pontal.

### **6. A senhora conhece outros lugares onde as pessoas costumam ir para catar guavira?**

Eu sei de muitos lugares, mais agora eu não lembro o nome, mais tem muita fazenda aqui na cidade que os fazendeiros deixa a gente entrar só pra procurar guavira, mas o mais conhecido é por onde vai na Cachoeirinha lá quase toda gente vai.

**7. Existe alguma história assustadora ou engraçada que a senhora vivenciou ou ouviu falar?**

Olha menina, todas as vezes que eu ia no guaviral nunca vi nada, mais as pessoas contam que uma vez apareceu uma mulher de branco vestida num vestido de noiva e assustava todo mundo que ia catar guavira, as pessoas contam que essa mulher é uma mulher que mataram lá por perto e então o espírito dela aparecia para assombrar os outros.

**8. Para a senhora a guavira lhe traz ou já lhe algum benefício?**

É claros que sim, eu uso a casca seca da guavira para fazer um chá que é bom pra quem tem pressão alta como eu e o meu véio, nós toma porque é muito bom pra isso. Eu costumo guardar as cascas e dá pra usar o ano inteiro, eu também vendo a fruta por litro, dá um dinheirinho bom. Tem muita gente que mora lá no centro que já sabe que eu vou todos os anos pro guaviral, e ai essas pessoas já vem me procurar pra comprar. A guavira é muito gostosa, mas tem muita gente que só gosta de chupar e não tem paciência pra ir no mato catar.

**9. A senhora saberia dizer se a origem da guavira tem alguma relação com a Guerra do Paraguai ocorrido na cidade de Jardim?**

Nunca ouvi falar dessa história, mais o que me contaram é que os índios se não me engano que acharam primeiro a guavira. Eu não sei de muita coisa de quem achou primeiro, mais tem muita gente que falam que é os índios.

## **ANEXO C – INFORMANTE C**

**Profissão:** Aposentada

**Idade:** 70 anos

**Local de Residência:** Vila Panorama

**Data de coleta:** 24 de março de 2013

### **1. A senhora já participou de alguma colheita de guavira? A quanto tempo segue essa tradição?**

Já. Á, eu segui muito tempo, antigamente eu ia bastante, agora não to indo mais porque a gente não acha carona pra ir NE, e às vezes quando a gente resolve ir já terminou a guavira já, e a guavira tem uma determinada época né.

### **2. E como era feita a ida para o guaviral?**

A gente ia de carona, ia pouca gente e o que mais ia era criança e ia também um casal.

### **3. O lugar aonde a senhora ia para catar a guavira era muito longe?**

Muito longe não era, mas também não perto né, nós ia muito no Pontal pegar guavira.

### **4. Existe alguma história assustadora ou engraçada que a senhora vivenciou ou ouviu falar?**

Ó, a gente, a história que eu sei e que fala no tempo que a gente era criança, mesmo minha mãe e o meu pai nos recomendava muito era a gente ter cuidado com cobra né, porque é perigoso né. E aconteceu e já havia acontecido muitos casos de pessoas que foi pego por cobra no guaviral, mas eu nunca presenciei alguém sendo picado por cobra, “ graças a Deus.”

### **5. A senhora utiliza a guavira só para o consumo próprio ou para vender?**

Eu sempre colhi pra consumo próprio, eu nunca catei pra vender.

**6. A senhora sabe de alguma receita utilizando a casca da guavira para aproveitar 100 % da fruta?**

Muitos fazem licor da casca da guavira, outros preparam e fazem vinagre também, mas eu nunca tentei fazer né. Muitos colocam na bebida, os que gostam de tomar um aperitivo, principalmente pessoas que tem bar usa isso.

**7. Além da casca, a senhora saberia dizer se a folha também pode ser aproveitada?**

Olha... a folha da guavira as pessoas falam que é bom pra quem tem diabetes, tomar o chá da folha da guavira é muito bom pra isso.

**8. Qual é a melhor época pra colher a guavira?**

Acho que é novembro né, porque hoje em dia a guavira já está madurando muito cedo, já não é mais como antigamente que tinha uma época certa. Agora não, agora parece que a guavira madura mais rápido né, você vê florescer e daí a pouco você já vê tem gente vendendo guavira.

**9. Antigamente era mais fácil de encontrar guavira do que nos dias de hoje?**

Antigamente era muito mais fácil, hoje em dia a gente tem que se deslocar pra muito mais longe pra poder encontrar guavira. Inclusive antigamente por aqui mesmo a gente tinha guavira. Primeiro catava guavira por esses campinhos aqui na frente da minha casa ó, agora não, agora não tem mais, o povo mata tudo passando máquina né, e acaba com tudo.

**10. A senhora conhece outros lugares onde as pessoas costumam ir para catar guavira?**

O Pontal e o Ninho Verde né, são os melhores lugares pra encontrar a guavira, e esses lugares que eu fui e que eu conheço.

**11. A senhora saberia dizer se a origem da guavira tem alguma relação com a Guerra do Paraguai ocorrido na cidade de Jardim?**

Eu nunca ouvi falar.



## **ANEXO D – INFORMANTE D**

**Profissão:** Secretária

**Idade:** 51 anos

**Local de Residência:** Vila Camisão

**Data de coleta:** 26 de março de 2013

**1. A senhora já participou de alguma colheita de guavira? A quanto tempo segue essa tradição?**

Sim. Desde criança.

**2. A senhora conhece alguma história assustadora ou engraçada na qual, vivenciou ou ouviu falar?**

Conheço, foi com minha tia já falecida e com um vizinho (ele era surdo, também falecido), eles se perderam no guaviral e foi acionada a polícia juntamente com o exército a procura dos dois. Como já havia escurecido as famílias começaram a ficar desesperadas, ainda bem que eles conseguiram chegar em uma fazenda e foram achados pelos campeiros que estavam trabalhando ali. Quando os policiais chegaram lá, viram que os dois estavam bem, passado o susto, aquela situação tornou-se muito engraçado e depois foi só motivo de risadas.

**3. Essa tradição tem algum significado importante pra senhora?**

Eu não me imagino ficar um ano sem ir na guavira, realmente é fascinante e ao mesmo tempo perigoso.

**4. A senhora utiliza a guavira só para o consumo próprio ou para vender?**

Só para degustar mesmo, é a melhor fruta que existe.

**5. A senhora sabe de alguma receita utilizando a casca da guavira para aproveitar 100% da fruta?**

Não, eu sei que existe várias receitas, eu já provei o picolé da guavira é uma delícia.

**6. Que meio de transporte a senhora geralmente utiliza para ir até o guaviral?**

Eu sempre ia de carro.

**7. Pra senhora, qual é o período ideal para catar guavira? Por quê?**

Pra mim o período da manhã é sempre o melhor horário pra ir em busca da guavira.

**8. Qual é a melhor época pra se colher guavira?**

Geralmente o tempo da guavira é lá por novembro e dezembro.

**9. Em que lugar a senhora vai para catar guavira?**

Em algumas fazendas próximas a ponte velha da cachoeirinha.

**10. Pra senhora, antigamente era mais de encontrar guavira do que nos dias de hoje? Por quê?**

Fazendo uma comparação, acho que antigamente as pessoas tinham mais disposição pra ir procurar guavira. Hoje em dia algumas pessoas já deixaram de seguir essa tradição porque muitos de fazenda, não permitem mais a entrada das pessoas pra catar guavira, e isso foi desanimando um pouco a população.

**11. A senhora saberia dizer se a origem da guavira tem alguma relação com a Guerra do Paraguai ocorrido na cidade de Jardim?**

Bom, quanto a isso eu não sei nada.

## **ANEXO E – INFORMANTE E**

**Profissão:** Pedreiro

**Idade:** 28 anos

**Local de Residência:** Vila Angélica II

**Data de coleta:** 29 de março de 2013

### **1. Você já participou de alguma colheita de guavira?**

Sim, eu comecei a catar guavira na verdade desde os cinco anos de idade, e partir daí eu sempre ia com minha mãe, era divertido, era o único momento que a gente conseguia reunir toda a família pra catar guavira.

### **2. Quem lhe motivou a seguir essa tradição?**

A minha vó. Desde criança ela ia catar guavira e nos dava para chupar, e a gente acabava gostando da fruta e ela sempre motivava a gente a catar guavira.

### **3. Que meio de transporte você geralmente utiliza para ir até o guaviral?**

Bom, até os dez anos de idade a gente ia de carro, meu vizinho tinha um carro e a gente fazia uma vaquinha e rachava a gasolina, e a gente ia lá. Levávamos lanche, saíamos cedo lá por sete horas da manhã e ficava o dia inteiro, e voltava quatro, cinco horas da tarde. Depois dos dez anos a gente começou a ir de bicicleta, fazia uma galerinha com o pessoal e ia catar guavira.

### **4. Qual é o período ideal para colher guavira? Por quê?**

A gente ia de manhã, porque o sol não tá muito quente e você aproveita melhor porque de manhã a gente tá mais disposto.

### **5. Qual é a melhor época pra se colher guavira?**

O melhor mês pra se colher guavira é o mês de novembro, é lógico que isso era antigamente né, lá por uns quinze anos atrás.

## **6. Em que lugar você geralmente vai para colher guavira?**

Bom, eu vou catar geralmente ali pra baixo do cemitério passando a ponte velha, a gente vai pelo Pontal e é o melhor lugar pra se catar guavira, mas com o desmatamento desse lugar a gente passou a ir lá no Ninho Verde, e tem também o Bico do Papagaio que hoje todo mundo fala que está sendo o melhor lugar pra achar guavira.

## **7. Existe alguma história assustadora ou engraçada que vivenciou ou ouviu falar?**

Eu tenho uma história muito interessante, era eu e mais dois amigos um dia a gente combinou de sair lá pelas três horas da manhã de bicicleta, pegamos uma lanterna e íamos descendo aquela baixadona do cemitério e ia embora. Nesse dia eu acordei cedo preparei o lanche, arrumei dois baldes e uma sacola pra levar e fiquei esperando eles chegar, eles chegaram e como eu já tinha falado nós descemos a rua do cemitério.

Chegamos no guaviral e começamos catar guavira, eu fui catando o que via pela frente e já estava quase enchendo os meus baldes e a sacola, já os meus companheiros ficaram escolhendo a guavira maior, então eu falei: - ó gente, pra mim aqui já deu e assim que eu terminar de encher eu vou embora, mas eles disseram que iriam mais pra frente e ai a gente atravessou uma fazenda onde tinha um trieiro, então percebi que estávamos indo muito longe de onde começamos a catar guavira e ai eu falei pra eles pra voltarmos.

Voltamos pra estrada empurrando as bicicletas quando de repente, o pneu da minha bicicleta furou, fiquei indignado com aquela situação pois, para que isso não acontecesse o de furar o pneu da bicicleta passei o campo todo carregando a bendita bicicleta nas costas. Por causa disso, eu fui chegar na minha casa já ao anoitecer, estava cansado, quebrado e a minha bicicleta todo arregaçado e ainda por cima virei motivo pra deboche, porque o único que cuidou da bicicleta se lascou e enquanto os outros que não cuidaram se deram bem.

## **8. A guavira lhe trouxe algum benefício? Qual?**

Bom, a guavira na verdade só serve para saborear.

## **9. Você saberia se, a descoberta da guavira tem alguma relação com a Guerra do Paraguai ocorrido na cidade de Jardim?**

Bom, pelo o que eu sei e que os meus pais contam, a guavira na verdade é uma fruta nativa né, da nossa região daqui. Então lá por volta de 1939 a 1940, quando o pessoal do

quartel chegou em Jardim pra construção da estrada e eles estavam construindo a ponte velha, essa fruta já existia em abundância né, e como era parecido com a goiabinha do mato ela caiu no gosto do pessoal, então todo mundo começou a comer e gostaram da fruta.

Só que com o passar do tempo eles perceberam que aquela fruta era diferente da goiaba, a goiaba que também dava na mesma região ela praticamente quase todo mês tinha fruto e já a guavira não, porque ela tinha um período que dava e era uma fruta mais gostosa, mais saborosa e refrescante, então todo mundo começou a falar sobre guavira o que acabou virando um costume para o povo de irem todos os anos catar guavira, e essa tradição foi passando de geração em geração. Então, eu acredito que a descoberta da guavira não tem nada a ver com a guerra do Paraguai porque ela já era nativa daqui.

**10. Pra você, antigamente era mais fácil de encontrar guavira do que nos dias de hoje? Por quê?**

Olha, eu acredito que sim, porque hoje a fruta acabou sendo devastada pela própria população da região. As pessoas vão catar guavira e acabam quebrando os galhos com as mãos destruindo tudo e não é só isso, os próprios fazendeiros foram desmatando para a criação de gado.

**11. Você utiliza a guavira só para o consumo próprio ou para vender?**

Para o consumo próprio, porque eu não teria coragem pra sair para vender.

**12. Você sabe de alguma receita utilizando a casca da guavira para aproveitar 100% da fruta?**

Eu sei do licor que se faz da casca da guavira para por na pinga.

## **ANEXO F – INFORMANTE F**

**Profissão:** Funcionário Público

**Idade:** 24 anos

**Local de Residência:** Centro

**Data de coleta:** 29 de março de 2013

### **1. Você já participou de alguma colheita de guavira?**

Já e muito, antes de chegar aos vinte anos eu ia muito com minha mãe, irmãs e vizinhos a gente se juntava no sábado de manhã e íamos para o guaviral.

### **2. Quem lhe motivou a seguir essa tradição?**

Pra mim foi a família toda, a minha vó tinha esse costume de catar guavira e ai passou pra minha mãe e minha mãe passou pra nós, e acredito que vai ser assim por diante até que a guavira acabe de existir um dia.

### **3. Que meio de transporte você geralmente utiliza para ir até o guaviral?**

Às vezes a gente ia de bicicleta e outras vezes de carroça mesmo.

### **4. Para você, qual é o período ideal para catar guavira? Por quê?**

A gente sempre ia de manhã porque de manhã é mais fresco, e á tarde poucas pessoas tinha ânimo pra ir por causa do calor e por causa dos bichos.

### **5. Qual é a melhor época para se colher guavira?**

A época da guavira é lá pelo mês de novembro a dezembro, só que com essa mudança no clima parece que está madurando mais cedo. No mês de outubro é possível encontrar alguns pés com frutas maduras.

### **6. Em que lugar você vai para colher guavira?**

Onde tem guavira são nas fazendas do ninho verde, no pontal e em outros lugares que eu só sei indo mesmo não sei por nome.

## **7. Existe alguma história assustadora ou engraçada que você vivenciou ou ouviu falar?**

Eu vivenciei uma história apavorante e engraçada ao mesmo tempo. Quando eu tinha dezesseis anos eu, minha mãe e minha irmã resolvemos ir no guaviral de bicicleta com nossos baldes na garoupeira, chegamos no pontal e cadeamos nossas bicicletas em uma árvore e entramos no campo carregando nossos baldes. Quando estávamos começando a catar a guavira apareceu uma manada de vacas em nossa direção, desesperadas começamos a correr, não sei nem como fomos parar em cima de uma árvore nós estava tão assustadas que não parávamos de tremer, e pra completar o nosso azar um touro muito bravo começou a rodear o pé da árvore e parecia que ele nunca ia sair de perto.

Já estava ficando tarde e a fome e a sede apertando, ficamos gritando lá de cima pra ver se alguém nos ouvia e parecia pra nos ajudar, mais nada, ninguém aparecia naquela hora então, nós começamos a chorar e a minha mãe a rezar e acho, que de tanto que minha mãe rezou Deus ouviu suas preces e quando o sol já estava sumindo e escurecendo, finalmente aquele touro sem graça resolveu sair debaixo da árvore e ficamos cuidando ele ir embora. Só sei que naquele dia nós chegamos á noite já em casa, cansadas, assustadas, com fome e sem guavira e todo mundo preocupados com nós. Aquele dia foi horrível e depois de um tempo nós rimos de nós mesmos, e nunca mais eu queria passar por aquilo de novo.

Outro caso que eu ouvi falar foi do tarado que se escondia no mato para atacar as mulheres que saia do guaviral. Essa história as pessoas contavam muito, mas Graças a Deus nunca nos deparamos com esse tarado, e se encontrássemos também ele ia se ferrar porque a gente sempre estava preparada.

## **8. Para você, a guavira lhe traz ou lhe trouxe algum benefício?**

Eu acho que o benefício que ela traz pra gente é o prazer e o gosto que dá de seguir esse costume, e a guavira é uma fruta única ela tem um gosto muito gostoso e diferente de qualquer outra fruta, e nós temos sorte de ter a guavira em nossa cidade.

## **9. Você saberia se, a descoberta da guavira tem alguma relação com a Guerra do Paraguai ocorrido na cidade de Jardim?**

Olha, eu não sei te dizer se tem ou não, a única coisa que eu sei é que a guavira é uma fruta nativa da nossa cidade, porque antes de Jardim se tornar uma cidade ela era uma fazenda né então, eu acho que é por isso que Jardim é recheada de pés de guaviras.

**10. Pra você, antigamente era mais fácil de encontrar guavira do que nos dias de hoje?**

**Por quê?**

Pelo menos na época em que eu era mais nova a gente encontrava muito mais lugares onde tinha os guavirais. Já hoje em dia, parece que os proprietários das grandes fazendas andaram colocando seus gados para acabar com os pés das guaviras. E por causa disso, com certeza antigamente as pessoas aproveitavam muito mais essa riqueza de fruta.

**11. Você utiliza a guavira só para consumo próprio ou para vender?**

A guavira que eu cato é só pra consumir e pra fazer remédio, eu nunca catei com a intenção de vender, mas algumas pessoas que tem dinheiro nos procura querendo comprar a guavira porque gostam da fruta, mas não tem tempo pra procurar.

**12. Você sabe de alguma receita utilizando a casa da guavira para aproveitar 100% da fruta?**

Quando estava com diarreia minha mãe costumava fazer chá da folha e da casca da guavira, sempre dava certo e posso afirmar que é muito bom. Eu sei também que a casca seca da guavira é muito eficaz pra pessoas que tem pressão alta, a minha vó e o meu pai tomam diariamente o chá da casca da guavira e conheço muita gente que toma.



## **ANEXO G – INFORMANTE G**

**Profissão:** Do lar

**Idade:** 50 anos

**Local de Residência:** Panorama

**Data de coleta:** 4 de abril de 2013

### **1. Você já participou de alguma colheita de guavira?**

Já e muito, quando nós era criança a gente ia muito com minha mãe, ia eu, a mãe e as minhas tias.

### **2. Quem lhe motivou a seguir essa tradição?**

No começo eu não gostava muito de ir, mas como todo mundo ia e eu também não queria ficar sozinha em casa eu comecei a seguir minha mãe e minhas tias na procura da guavira, e daí eu acabei gostando e todas as vezes que elas iam eu dava um jeito de ir atrás delas.

### **3. Que meio de transporte você geralmente utiliza para ir até o guaviral?**

A gente ia muito de a pé mesmo né, a gente ia na chuva, no sol quente de qualquer jeito a gente ia, até de cavalo nós já fomos...me lembro que uma vez até cai de cavalo porque não sabia montar direito [*risadas*].

### **4. Para você qual é o período ideal para catar guavira?**

A gente ia de manhã cedo e só voltava de tardezinha pra casa, a gente ia de manhã pra ficar o dia inteiro no mato catando guavira e era muito gostoso.

### **5. Qual é a melhor época pra se colher guavira?**

É em novembro né.

### **6. Em que lugar você vai pra catar guavira?**

Nós ia no mato muito longe, andava tudo naquele mato grande do ninho verde.

**7. Existe alguma história assustadora ou engraçada que você vivenciou ou ouviu falar?**

De vez em quando a gente pisava numas cobrinhas lá, era um pouco perigoso mais era gostoso, o ruim foi quando uma dona que era até nosso parente se perdeu no meio do matagal ela andou tanto naquele guaviral que nós só fomos encontrar ela na outra fazenda, mas não levou o dia inteiro pra encontrar ela só a manhã inteira (risos), mas foi só esse apuro que a gente já passou os outros anos era tranquilo.

**8. Para você, a guavira lhe traz ou lhe trouxe algum benefício?**

A coisa de bom que a guavira faz pra nós é que além de ser uma fruta gostosa é muito divertido a gente se reuni pra catar guavira.

**9. Você saberia dizer se a descoberta da guavira tem alguma relação com a guerra do Paraguai ocorrido na cidade de Jardim?**

Olha, eu não sei quem que foi que descobriu essa fruta não, eu só sei que ela existe desde o tempo da minha vó e faz muito tempo que a guavira existe.

**10. Antigamente era mais fácil de encontrar a guavira do que nos dias de hoje? Por quê?**

Antigamente era né, a gente ia a vontade catar guavira e tinha muita guavira e como tinha. Agora, agora quase não tem mais muito porque andaram acabando com a guavira esses donos de fazenda que põe vaca pra pastar nos lugares onde tem guavira e ai foi acabando um pouco né, é isso que tá acontecendo.

**11. Você costuma utilizar a guavira só para o consumo próprio ou para vender?**

É só pra chupar mesmo, nós não vendia não, mas algumas pessoas catavam pra vender mesmo e vendiam sempre por litro, mas a gente mesmo nunca catou pra vender.

**12. Você sabe de alguma receita utilizando a casca da guavira para aproveitar 100% da fruta?**

É, eu sei que faz remédio tem gente que põe a casca da guavira na bebida, na pinga né, deixa curti lá por uns meses e depois toma. E a casca com a folha a minha mãe fazia pra nós, ela falava que é bom pra disenteria e é bom mesmo né.